

GONÇALVES CORREIA

---

# A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura

Conferência realizada no V  
Congresso dos Trabalhadores  
Rurais no Teatro Garcia  
de Resende, em Evora, no  
dia 16 de Dezembro de 1922.



1923

Tipografia A RACIONAL

S|hi



GONÇALVES CORRÊA

---

---

000424



# A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura

Conferência realizada no V  
Congresso dos Trabalhadores  
Rurais, no Teatro Garcia  
de Resende, em Evora, no  
dia 16 de Dezembro de 1922.

  
TIRAGEM: 3.000 EXEMPLARES  


1923

Tipografia A RACIONAL  
ESCOURAL

Shi

Para  
a redacção  
d' "A Batalha",  
como prova de muito  
apreço, pelos camaradas  
que a orientam.  
Outubro de 1923.  
Gonçalves

---

Preço: 50 centavos

---

## ALGUMAS PALAVRAS

Acabo de lér, ràpidamente, dum folego, as palavras que Gonçalves Correia pronunciou em Evora apòs o Congresso dos Rurais naquela cidade realizado. O seu autor é conhecido pelas suas ideias e pela desassomburada e tenaz propaganda que delas faz. Dispensa por isso uma longa apresentação. Basta dizer-se — e é isso que convém aceniar — que ele veiu atraído à sedutora verdade dos ideais que perfilha mais pelas solicitações do seu coração, do que pelas necessidades da sua intelligencia ou do seu estomago. Por isso Gonçalves Correia ataca a sociedade com mais lirismo que precisão. Na conferencia que os leitores vão analisar, finda a rápida leitura destas palavras, encontrarão uma exaltação sentimental, quási mística, expandindo-se sem ódio na sua crítica ao presente, sem dúvida na sua visão sòbre o futuro. Em Gonçalves Correia o crente supera, em muito, o convicto. Se não se afasta da verdade, se não receia profundar a triste realidade da vida e a estúpida brutalidade das coisas, contudo a visão profética do futuro é mais vigorosa que a sua crítica ao presente e as suas alusões demolidoras ao passado. Para o conferente que venho analisando o mal é considerado mais como uma incoerencia da alma humana, um atrofiamento de raciocinio que uma realidade viva e descorçoadora. Os homens, terão um dia, um dia que certamente chegará.

esclarecedor e luminoso, que expurgará de tudo o que os impede de viver em justiça e em beleza.

Vem agora a propósito colocar uma pergunta que numa época de tão profundo egoísmo e embrutecimento como esta, preocupa muitos corações e muitas inteligencias: *¿Serão realizáveis os ideais que Gonçalves Correia preconiza? Não hesito em responder afirmativamente.*

Por muito que pese aos pessimistas e a alguns scepticos o anarquismo hade escrever na história humana, talvez, as suas mais belas paginas. A ideia de que a felicidade aumenta entre os homens quando eles cessem de se explorar mutuamente, vai entrando, lentamente mas profundamente, no espirito dos contemporaneos. A queda que não é tolice, nem audácia, anunciar para breve duma civilização contrária aos interesses e aos destinos humanos será um grande passo sobre o futuro. A sociedade humana que tem vivido sobre o arbitrio dos interesses duma minoria, terá fatalmente de se orientar na sciencia e guiar-se pelas suas leis. *¿Mas, quando a sciencia substituirá o empirismo, a justiça a iniquidade, a liberdade a tirania? Eis uma interrogação a que só poderão responder os próprios homens. Da sua vontade depende a alvorada duma vida livre. E bem fazem, os que como Gonçalves Correia semeiam sem a preocupação da data em que o fruto amadureça e se possa colher.*

**CRISTIANO LIMA**

# A felicidade de todos os seres na Sociedade Futura

---

*Presados senhores ; camaradas :*

Nenhum de nós, se tivermos amplas qualidades de raciocínio, deixa de reconhecer a infelicidade tremenda dos seres ; dos seres, disse eu, não especificando apenas os seres humanos, pelo convencimento em que estou de que o sofrimento, obra maléfica do homem, se estende horrorosamente até aos irracionais.

A vida, todos o sabemos, não tem aqueles poéticos encantos de que deveria ser revestida. Ah ! Que encantadora pode vir a ser a vida dos seres, logo que o homem se convença do papel que tem a desempenhar na sua curta existência !

Actualmente, como de há séculos a esta parte, não é a Justiça que tem guiado os homens ; pelo contrário, a iniquidade, a mais dolorosa iniquidade, assentou arraiais em toda a parte, não permitindo que o sorriso, fantástica manifestação de beleza, afflore a todos os rostos, e antes promovendo uma obra miserável de ódios e de misérias, cujo términus, sempre e sempre, é o grito angustioso das vitimas !

Prevê a minha imaginação que a humanidade de ha muitos séculos, a humanidade da pre-história, era relativamente feliz. E essa felicidade, que

a humanidade futura ha de gosar amplamente, provinha principalmente, sincera e ardentemente o creio, do facto fraternal de não existir a fórmula iníqua da propriedade individual.

A propriedade individual, criando a inveja, a miséria, a opulência, o fausto, criou o suicídio. Criando a vaidade, o orgulho, o ódio, a intolerância, pode bem chamar-se-lhe a mãe da guerra, a mãe da peste, a mãe da fome, a mãe de todos os tormentos imaginaveis! A propriedade individual não é de maneira alguma a eloquente fraternidade que os humanistas veem annunciando há muito à humanidade sofredora!

Pelo contrário, a propriedade cria todas as infelicidades de que são vítimas, não apenas os seres humanos, mas — estremecei de horror, meus senhores! — até mesmo os irracionais, que vieram ao mundo para serem a ajuda fraternista de todos nós, e nunca os escravos tristes e submissos que chocam a nossa sensibilidade!

Mercê de sentimentos pérfidos, criou-se a fórmula actual, de propriedade privada, e bem sabemos nós todos, os que estudamos um pouco, quanto essa fórmula tem sido infelicitante, quantas guerras se tem desencadeado, quantos martírios se tem sofrido, quantas mães tem sido feridas nos seus affectos queridos, quantos desgraçados tem agonizado nos campos ensanguentados das batalhas fratricidas!

Não, meus senhores! E' certo que tem imperado a injustiça, é certo que tem triunfado a iniquidade, é certo que o forte tem oprimido brutalmente o fraco, é certo que o homem, de pacifico e risonho que devia ser, se tornou a fera mestra, a fera superior a todas as feras, a fera brutal que arranca, em gestos alucinantes, a alegria àqueles que tinham direito, amplo direito, a gosá-la.

Esta vida, assim, feita de torturas, feita de sofrimentos, amassada em ódios, insofladora de vaidades pérfidas, de egoismos torpes, de maldades arripiantes, não pode, não deve de modo algum continuar!

E' necessário que nós, os homens cuja inteligência brilha um pouco, cujo coração se desentra-



nha em amor universal, abrangendo os seres e as coisas, empreguemos todo o esforço sincero e ardente no sentido de criar a alegria nos seres humanos, pois que a alegria, assim, se irá refletir até mesmo nos seres inferiores!

Arripiemos caminho! Mudemos de tática! Sejamos sinceros e bons, sabido como está que a bondade é a beleza eterna, que a bondade é a conquista fácil dos corações, que a bondade é a transformadora dócil de todas as intolerâncias!

Sejamos, nós todos, os homens, dignos do nome eloquente de homens! Ah! Não são homens, não, aqueles que, esquecendo o direito que as mães teem à tranquilidade, lançam as nações umas de encontro às outras, em guerras horrorosas! Não são homens aqueles que, aproveitando-se dum movimento especial, mesmo revolucionário, vão à caça das suas vítimas, como bandidos eméritos, arrancando-as, para as fuzilarem em plena rua, dos braços carinhosos das esposas, não atendendo às angustiosas solicitações dos filhitos que tremem de pavor!

Não, êsses, os que assim procedem, teem, é certo, a aparência física dos homens, mas de facto, pelas entranhas tigrinas, são antes a personificação verdadeira de ferozes animais! Perfídia de sentimentos! Horrorosa e inconcebível maldade! Extraordinária manifestação de morbidez!

A alegria de todos os seres na sociedade futura pode bem ser um facto risonho e consolador. Basta que cada um de nós seja justo, basta que cada ser pensante tenha a precisa normalidade, basta que desapareçam as causas do mal enorme que nos apavora. E as causas são várias, sendo a principal, quanto a mim, torno a repeti-lo, a fórmula errada da propriedade privada

Como é fácil ser feliz! E o homem, esquecendo esta vantagem grandiosa, tem cavado a sua infelicidade. Fantástica maneira de encarar os grandes problemas! Triste prova da inferioridade humana! Acabrunhante facto, que dilacera a alma pura dos idealistas!

Oh! A felicidade! Tão fácil é o problema magno da felicidade, da alegria de viver, e tão di-

ficil tem sido, até hoje, gosar essa alegria grandiosa! E bastava, afinal, que todos quizessemos e soubessemos ser felizes! Extraordinária a fatalidade dos homens! Felicidade! Oh! Vem junto de nós todos, pela clarificação da inteligência, pela bondade, pela beleza, pela pureza de intenções, pela sinceridade, pelo trabalho!

O trabalho! Pois há coisa mais alegre, mais dignificante, mais bela, mais amorável, mais rica, do que o trabalho?! O trabalho! Como eu amo o trabalho, o trabalho consciente, metódico, que não seja a tirania do salariato, que não seja a escravidão, o trabalho feito com alegria, com boa vontade, com consciência, o trabalho que dimana da nossa vontade soberana!

Oh! Santa e generosa lei do trabalho feito de livre vontade! E' pelo trabalho que o homem se foi pouco a pouco libertando da caverna inestética e desconfortável, onde primitivamente habitava. Pelo trabalho conseguiu a picareta para abrir o cabouco; pelo trabalho partiu a pedra, fabricou a cal, amassou a argamassa, levantou a parede; pelo trabalho fabricou a telha, serrou a madeira, aplainou as tábuas; pelo trabalho impediu que a chuva entrasse na sua habitação; que os raios violentos do sol estiante lhe mortificassem as carnes; pelo trabalho fabricou a collier de rebouco grosso, de rebouco fino. O trabalho, sempre o trabalho, na sua missão bendita, generosa!

Quem, meus senhores, não gosta do trabalho? Posso afirmar que só os doentes, os anormais. Os outros indivíduos, aqueles que sentem no organismo um sangue vigoroso, enérgico, podem lá viver sem o trabalho que regenera, sem o dispêndio de actividade, que enobrece! Não! O trabalho é fecundante, criador, senhor da vida, capaz, por si só, de fazer o milagre fantástico de restituir a esta pobre humanidade a alegria que ela não possui, a felicidade que ela tanto almeja!

O trabalho! Mas porventura esta estúpida sociedade que nos rege, a sociedade burguesa, tem contribuído para que se espalhe no mundo a vontade à santa lei do trabalho? Seria imprudente e pouco honesto dizer que sim. Esta sociedade, ba-

seada no antagonismo de interesses, na vaidade, na injustiça, na corrupção, só tem dificultado o trabalho.

Refiro-me, bem entendido, ao trabalho moderno, acionado, impulsionado pela maquinária já descoberta, consequente do trabalho honrado do cérebro e do braço. Que extraordinária diferença existe entre o trabalho braçal, que torna o homem escravo, e o trabalho da maquina, que torna o homem feliz! Ah! Grandiosa lei do trabalho justo, que edifica túneis, que ergue pontes, que rasga canais, que constroe linhas de caminhos de ferro, que põe combóios a funcionar, que faz o milagre mirabolante da alegria!

Trabalho! Comparai, senhores, o trabalho antigo com o trabalho moderno. Rápida e facilmente encontrareis uma diferença verdadeiramente extraordinária. Lembrai-vos do que poderia produzir um desgraçado durante um dia inteiro, agarrado à raça dum arado impotente, com o que pode produzir outro indivíduo, devidamente sabedor, manejando um tractor moderno, dêsses que, rasgando a terra a meio metro de fundo — e mais, se for necessario! — fazem oito e dez regos, oito e dez sulcos ao mesmo tempo!

Eia, homem de lúcida inteligência do meu século! Eia, maquinária bendita que à pobre humanidade, sofredora trarás, enfim a fartura de alimentos, de vestuário, de habitações risonhas, de mil e um objectos de prazer! Salvé, simpáticos engenheiros, livres de prec nceitos e de vaidades lamentáveis, trabalhando em íntima comunhão com o proletário rude, na edificação duma obra intensa de amor e paz!

Salvé, proletários da minha aldeia, da minha província, do meu país, do meu planeta! Salvé! Salvé, homens de todas as crenças, de todas as nacionalidades, de todas as raças, de todas as cores, homens que quereis prestar culto à religião simpática do trabalho útil a todos!

Santa e adorada religião, a do trabalho! Tão santa, tão sublime, tão grandiosa, que aos lábios faz aflorar sorrisos benditos, que à boca traz palavras de paz e conforto!

Como é doce e generosa a lei adorada do trabalho, não êsse trabalho odiado dos escravos, êsse trabalho vil de pobres "mujiks" tuberculizados pela miséria, mas o trabalho moderno, científico, operado pela maquinaria bendita que o homem já descobriu.

Máquiuas! Oh! Quando falo delas, é como se visse o sorriso a bailar docemente nos lábiosinhos inocentes das criancitas louras!

Máquinas! Sois vós, elementos adorados, a certeza de messes abundantes, a garantia de cearas magnificas! Máquinas! Sois vós a certeza do heroico arrancar da dura pedra que ha de fazer os palácios da humanidade! Sois vós a certeza da fabricação rápida e feliz de mil e um brinquedos racionais, destinados à brinca doida e despreocupada dos lindos inocentinhos filhos do nosso amor, da nossa alma, do nosso coração!

Sois vós, máquinas adoradas, a garantia de imensa fartura para nós, para portugueses, para estrangeiros, para todos os homens que habitam o globo, sejam êles russos, japoneses, suissos ou americanos! Oh! Sim! Nós, os homens de ideas modernas, os *criminosos* que é necessário perseguir a todo o transe, temos tanto fel na alma, tanto ódio nos corações, que queremos (veja-se o imenso crime!...) pão e alegria para os habitantes de todo o mundo! Idea querida que a minha alma professa! Eu te saúdo com o carinho próprio do meu coração repleto de ternura imensa, eu bendigo aqui, comovidamente, êsse adorado e generoso ideal anarquista, que há de, enfim, impulsionar a tão almejada felicidade de todos os seres!

De máquinas vos falei já, e de máquinas me não cansarei de vos falar, sendo-me grato render neste momento à América, à Alemanha, à Suíça, à França (não ã vil parazitagem dêstes países, mas aos simpáticos trabalhadores do braço e do cérebro que os teem feito brilhar), a calorosa homenagem do proletariado português, do qual, como homem do futuro, tenho o praser infinito de fazer parte.

O trabalho mecânico, agradável e abundante, é a certeza máxima, absoluta, de fartura e de bem

estar, não apenas para os seres humanos, não apenas para os homens, mas até mesmo — santo vôo de bndito idealismo, êste! — para os pobres irracionais, feitos estupidamente escravos da bestialíssima fera humana, quando a sua missão é muito outra, quando a sua missão, grandemente simpática, é a de ajudas do homem, destinados para isso pelo extraordinário poder invisível que nos surpreende e nos maravilha!

A mecânica ao serviço da felicidade dos seres! Oh! Sempre que me lembro das mil maravilhas que são todas as máquinas, rende a minha alma fervoroso culto ao braço hérculeo que às entranhas da terra querida vai arrancar os elementos necessários à sua fabricação, e ao cérebro potente dos engenheiros, que, num esforço colossal, oferece o resultado do seu trabalho abençoado e simpático! E pois que falo do proletário do braço e do proletário do cérebro, permiti, presados senhores e leais camaradas, que amachuque aqui, com calorosa indignação, a vil calúnia de que os trabalhadores são ferrenhos inimigos dos intelectuais. Não! Tal barbaridade não é possível! Os trabalhadores do braço, muito pelo contrário, são amigos leais e dedicados dos trabalhadores do cérebro, com a condição, bem entendido, da sua cooperação generosa! Tanto assim é, presados senhores, que quasi advinho o aplauso unânime dos trabalhadores presentes, a esta quente e emocionante saudação da minha ardente alma de apóstolo.

Vivam os trabalhadores do braço e do cérebro!

Fique, pois, bem assente esta indestrutível verdade: Os trabalhadores, cujo espírito ideológico vai até ao ponto culminante do alicersamento da paz universal, risonha teoria dos corações bem constituídos, são sinceros e leais amigos dos intelectuais *bem intencionados*. O que tem existido é um equívoco, que deve desfazer-se como estéril bola de sabão. Esse equívoco não deve continuar. Os intelectuais sinceros, possuidores dum coração generoso e dum espírito profundo, capaz de integrar-se na magna questão da actualidade, a momentosa questão social, são sempre bem recebidos no seio dos trabalhadores, cuja generosa aspiração

é a destruição pura e simples do capitalismo, que dará lugar à sonhada sociedade dos produtores livres na terra livre!

Nós todos, pioneiros entusiastas e ardentes da humanidade emancipada, abraçamos com carinho o médico, valoroso proletário intelectual, que procura aliviar — e tantas vezes entre mil perigos, entre traiçoeiras epidemias, entre milhões de terríveis micróbios — as dores torturantes do doente confiado à sua sciência. Pois como havia de ser doutro modo?! Então era possível que nós, trabalhadores, não vissemos o médico com viva simpatia, quando é certo que êle, tantas vezes, nos restitue a saúde, a mais sólida de todas as riquezas?!

O médico, pois, assim como o cirurgião, assim como o enfermeiro, é bem visto, muito bem visto, pelos trabalhadores conscientes, pelos trabalhadores idealmente revolucionários que, querendo a abolição da propriedade privada, querem a instituição da fraternidade universal!

Outro intelectual, o agrônomo, é, e não pode deixar de ser, alvo da simpatia do trabalhador braçal. O agrônomo, depois de pacientemente estudar a semente ou a planta que mais fácilmente germinará em determinado lote de terreno, desentranhando-se em cearas magnificas de pão e alegria, presta à comunidade um serviço esplêndido. Porquê? Porque, de forma diferente, isto é, deitando no mesmo lote de terreno, à tãa, sem estudo prévio, uma semente imprópria, daí resultaria um esforço perdido, o que é sempre para lamentar, e uns punhados de semente desperdiçados, o que não pode dar alegria a ninguem. Por tudo isto e por muito mais, o agrônomo tem a desempenhar, na próxima sociedade futura, um papel altamente simpático!

Quanto ao engenheiro, ah! Que grandioso, que gigantesco papel desempenha já hoje, papel que será imensamente ampliado na sociedade futura, regida pelo estatuto fraterno da extranha e linda teoria anarquista!

Lembremo-nos todos, presados senhores e caros camaradas, do papel preponderante do engenheiro. Uma simples agulha, que hábilmente une os bo-

cados de tecido com que cobrimos a nossa nudês, — a nudês forte da verdade, no dizer dêsse estilista inimitável que se chamou Eça de Queiroz — uma simples agulha, repito, com que cosemos a cambraia que há de cobrir o corpo da virgem, com que cosemos a saragoça ordinária que há de cobrir o corpo são do pastor ignaro, com que cosemos a vela do moinho que geme, dando-nos a farinha alva como a alma dos justos, uma simples agulha, repito de novo, com que cosemos as velas dos navios, com que fazemos, finalmente, tantos trabalhos importantes e complicados, não existiria, não seria possível, se não existisse o engenheiro!

Por isso mesmo o engenheiro é o aliado natural do trabalhador do braço. Assim como êste necessita daquele, para que o seu esforço seja menos extenuante, assim aquele necessita dêste para que o sônho da sua alma seja uma realidade! São ambos, trabalhador intelectual e trabalhador braçal, os braços dum mesmo corpo... Sagrada união a destas duas entidades!

O engenheiro, orientando, por exemplo, os trabalhos alegres duma ponte — e digo alegres, porque alegre deve sentir-se todo aquele que de algum modo dá a sua cooperação a qualquer obra de progresso — produz um trabalho altamente apreciável, conseguindo emocionar os corações que se fixam nessa obra linda. De facto, o que seria a vida da humanidade sem a existências das pontes, essas escoras formidáveis por onde fâcilmente passam todos, desde o manco que estadeia a sua miséria, até ao milionário que nos indigna com o seu luxo?! Desde o cabrito despreocupado, de pêso modesto, até ao elefante imponente, de pêso formidável?

As pontes, constituídas por vigorosíssimos braços feitos por cimento e pedra, completadas com formidáveis tableiros de ferro e aço, por onde passam todos, por onde passa o irracional e o homem, são filhas desta aliança magnífica: a aliança do braço e do cérebro!

O escultor, outro intelectual, é admirado com emoção pelo trabalhador, hoje escravizado à lei iníqua e imoral do salário. Efectivamente, quando

ao trabalhador é dado contemplar, nos atrios dos museus e nas praças públicas, essas estátuas artísticas, grandiosamente belas, que evocam docemente amadas figuras da história; quando ao trabalhador é dado admirar os magníficos quadros marmorizados, que são filhos da inspiração dos artistas sublimes, ha como que um enlêvo de alma, como que um embrandecimento do coração! O escultor, proporcionando ao arrais, por exemplo, o quadro evocativo dum dia de luta do rio, que tentava arrastá-lo às guelas impiedosas do mar furioso, arranca-lhe as lágrimas escondidas no mais íntimo do seu ser!

Eis, pois, outro intelectual, o escultor, que os trabalhadores não podem deixar de vêr com crescente carinho.

Ao lado dos intellectuais mais prestimosos para a humanidade, não podemos esquecer, meus senhores, porque seria antipática injustiça, êste outro intelectual valoroso e digno: o professor, quer seja o primário, desbravando um terreno inculto, quer seja o das escolas superiores, ministrando conhecimentos mais vastos!

Ah! Sempre que nos lembramos, os trabalhadores, de que existem professores sofrendo as agruras da fome, as inclemências do frio, as torturas do aborrecimento, não podemos deixar de combater uma organização social pérfida, que produz êsse facto doloroso!

Indigna organização social, a do nosso século! Pode lá admitir-se que o professor, entidade útil, agonize com miséria, ao lado do parasita inútil, zangão odiado da colmeia social?

O professor! Pensando em ti, simpátice proletário vergado á pesada cruz da vida, lembro-me da penosa amargura do teu viver e sinto não poder libertar-te da garra vil do argentário, da opressão aviltante do capitalismo!

Quantos professores existem em Portugal? Quantos existem em todo o mundo? Por muitos que à primeira vista se nos afigurem, são pinga de água no oceano se atendermos a que há que instruir convenientemente os 600 milhões de crianças espalhadas por todo o vasto globo terráqueo!



Fazer de cada soldado um professor, de cada padre um mestre, de cada general um engenheiro, eis a grande obra a realizar. Obra de paz, de amor, de concórdia, de progresso, de luz, de justiça, de imponente fraternidade!

Fraternidade! Sempre que medito na fraternidade, essa fraternidade imponentíssima que há de unir os homens de todo o globo, como ri doidamente o meu coração!

Meditemos um pouco, presados senhores, na missão adorável, feita de carinho, do professor de qualquer categoria. O de instrução primária, ensinando com paciente bondade o a b c, assemelha-se ao sol, que, antes de nascer, já tinge dum rubro líndo o espaço azul que o circunda.

O professor primário desbrava o matagal espesso da incultura humana. Rendamos todos, meus senhores, comovidamente, do mais íntimo do nosso ser, ao simpático professor de qualquer categoria, a homenagem a que tem direito. E' claro que nenhum de nós esquece a simpatia devida ao professor categorizado, àquele que, acompanhando-nos nos mundos risonhos da química, da geografia, da história, da arte, da arqueologia e de todos os conhecimentos, contribue imenso para enriquecer o nosso cérebro.

Porque de intelectuais tenho tratado, procurando, valendo-me da minha pobre arte, demonstrar que os trabalhadores conscientes vêem com muita simpatia os intelectuais de cérebro desempoeirado, permitam que diga duas palavras sôbre os pintores e os músicos, aqueles falando idilicamente aos nossos olhos, estes embalando com suavidade os nossos ouvidos.

Os pintores! Pois há nada mais belo do que um quadro soberbo, emocionando-nos pela estética e pela côr? Há nada mais belo que o trabalho do pintor, reproduzindo na tela muda os quadros da vida, desde os que arrancam lágrimas até aos que nos fazem desentranharem sorrisos? Há coisa mais belamente impressionante, por exemplo, do que o quadro onde se reproduz a scena idealmente encantadora do primeiro beijo que poisamos na face ruborizada da mulher que é alvo do nosso amor?

O pintor, colocando na nossa frente o quadro onde se retrata um amendoeiral florido, não faz com que evoquemos o perfume encantador dessa flor adorada, não faz com que sintamos, pela nossa sensibilidade, o macio veludino das pétalas?

Esse artista divino, passando à tela, à tela que é também um produto dos artistas, a scena de dois passaritos que, amorosos, pretendem beijar-se, doídos de carinho, não evoca na nossa alma a scena, por igual amorosa, das santas ternuras ante o ser que é alvo dos nossos enleios?

Oh! Sim! O pintor pertence-nos a nós, trabalhadores, a nós que queremos encher o mundo de sorrisos, a nós que pretendemos plantar de flores os locais agrestes onde crescem espinhos!

Oh! Sim! O pintor, como o médico, como o agrônomo, como o engenheiro, como o estilista, como o escultor, o professor, o músico, são entidades que pertencem à risonha sociedade futura, constituída por produtores livres, por almas prenhes de luz e amor!

E os músicos? Qual de vós, presados senhores, dedicados camaradas, não sentiu as estranhas emoções que produz a soberba arte dos sons? Qual de vós, ouvindo o trecho lindo que lembra o manso correr do regato em dias tranquilos de sol e de poesia, se não sentiu intimamente alegre e feliz?

O músico, como o pintor, como o escultor, como todo o verdadeiro artista, comunica impressões, as mais estranhas, à nossa alma, alegrando-a ou enlutando-a. Pois não tendes já ouvido dizer que até os irracionais se emocionam ante os sons magestosos das orquestras?!

E, sendo assim, como de facto é, havendo tanto encanto na arte, que é filha dos intelectuais, seria razoável que nós, os ardorosos combatentes do futuro, vissemos os intelectuais com antipatia? Não! De modo nenhum! Que a afirmação passe como calúnia, como mal entendido, e nunca como manifestação do nosso pensamento!

Nós, trabalhadores do século XX, trabalhadores do século que elevou o homem até às regiões luminosas onde pairam as águias, não queremos o triunfo da estupidez e da maldade! Pelo contrário,

o nosso anseio justo, sincero e ardente, é que os homens se abracem como irmãos, que se estimem como camaradas, que se sintam irmanados no mesmo sublime princípio de luz e de justiça!

Ide daqui todos, meus senhores, com a certeza de que o nosso querer é um querer de amor e de concórdia! Queremos outra sociedade? E' certo! Queremos outra fórmula? Não o negamos! Queremos a extinção do capitalismo, chaga que alastra? Queremos sim, queremos tudo isso! Mas por maldade? Por ódio? Não, por amor! Não, por justiça!

Ide daqui dizer a toda a gente, que nós, os avançados, os libertarios, os socialistas de todas as escolas, queremos a abundância de pão para todas as bocas, a fartura de luz, essa luz bendita do amor, para todas as almas! Proclamai lá fora, que queremos intensamente o reinado pleno da anarquia, porque a anarquia é a luz que deslumbra, o pão que consola, a agua cristalina que refrigera, o beijo santificado que eleva!

Oh! Não, nós não queremos o continuar da sociedade actual. Nós não queremos, porque nisso não ha parcela de justiça, que inúmeras criancinhas agonizem com fome, porque as mães, tristes e acabrunhadas, sentem mirrados os peitos! Nós não queremos que os entesinhos rosados, filhos da nossa alma amavel, tirem de frio intenso de dezembro, que retalha as carnes!

Pelo contrario, nós queremos a possível sociedade onde todos possam amplamente satisfazer as suas necessidades, produzindo honestamente segundo as suas forças!

Que quèrerão dizer-nos? Que a terra não pode alimentar fartamente todos os seus filhos? Oh! Não! Ha nessa afirmação um grande equivoco, quando não seja mesquinha má fé!

A terra, sabem todos aqueles que ao assunto se tem dedicado, não dá soma maior de produtos porque a tal se tem oposto o egoismo, o erro, a incúria! A terra pode dar muito, muitissimo! Se não se desentranha em messes abundantissimas, é porque o homem, tendo-se amesquinhado, lhe não tem dispensado os carinhos que ela merece!

Se não dá muito, verdes cearas de ternura e encanto, lindos pomares de frutos saborosos, soberbas hortas de vegetação luxuriante, é porque uns, uma pequena minoria, a possui em grandes quantidades, e outros, a imensa maioria, não tem um palmo onde plante um bago sequer!

Está isto assim bem feito? Oh! Ninguém ousará dizê-lo. Assim, não há justiça. A justiça! A justiça é o amor, é a paz, é a fraternidade, e esta fórmula, a fórmula presente, só tem criado ódios, rancores e desesperos!

Como não há de creá-los uma fórmula social onde existem indivíduos sem a posse de um escasso retalho de terreno, ao lado de outros que, por motivos injustos, possuem 40, 100 e mais herdades? Que admira a existência do rancor e do desespero dos membros duma sociedade onde predomina a tirania do menor número, conseqüente da mesma desgraçada fórmula?

Que admirar a existência da miséria mais negra, da desgraça mais atrás, se o regime actual é impulsor de toda a miséria e de toda a desgraça?!

A terra, devendo ser de todos, quero dizer, da comunidade, não deve pertencer individualmente a ninguém. A posse individual é infelicitante para todos, não apenas para a colectividade, como para o chamado dono. Fácilmente se demonstra esta asserção. Tudo de todos, é a síntese da elevada, da dignificante moral anarquista!

Porventura, se isso não me indigna (antes consegue avivar-me uma mais intensa argumentação), escutam-me criaturas, aliás possuidoras das mais excelentes intenções, que julgam não ser possível a prática desta linda e humana teoria, donde brota um eloqüente fraternismo. Argumentarão com aparente lógica, que o homem é incapaz de praticar tão belo, tão humano ideal. Peço licença para dizer que considero errado tal conceito.

O homem, de facto, é hoje, quasi em geral, possuidor duma moral inferior, incapaz, portanto, de cooperar em obras grandiosas. Mas se é assim o homem actual, não será assim o homem de amanhã, o homem do futuro, gerado e criado em con-

dições normais. O homem da actualidade é inferior, raquítico do corpo, raquítico da alma. Mas porquê? Porque a pobre organização social o conduz a tal descabro! Porque, filho dum sifilítico ou dum tuberculoso (males cuja propagação se deve ao iníquo regime de propriedade privada) nunca pode ser um fruto são! Porque, gerado num ventre débil em consequência de errada ou insuficiente alimentação — o êrro alimentar é talvez mais nocivo que a insuficiência — tem fatalmente que ser débil! Porque, concebido em desgraçados momentos alcoólicos, de medonha e arripiante visão, vem ao mundo como um monstro e nunca como um fruto normal e sadio! Dizem os psicólogos, senhores duma elevada e incontestável autoridade científica, que o momento concepional tem poderosa e decisiva influência no futuro do ser consequente desse momento.

Se os pais, nessa hora feliz, possuem uma elevada disposição espiritual, embrenhando-se em róseas e felizes visões, o filho resultará um ser adorável, inocente e harmónico, traquinas no seu desabrochar, normal e equilibrado na sua vida de adulto. Se, contrariamente ao exposto, os pais chafurdam em horríveis visões de ódio e sangue — o que sucede com lamentavel freqüência — o filho resultará um ser irritante, doente e embirrativo na adolescência, mau cidadão até ao crime quando homem. E' chegado o momento de perguntar: Em tais condições, que culpa tem o homem de ser anormal? E' provado fica, se esta teoria é incontestável, que o *homem é irresponsável pelos seus actos.*

E' por isso mesmo, meus senhores, que o meu coração de libertario se enche de infinita piedade pelo criminoso, êsse ser desgraçado sôbre quem a sociedade descarrega a sua terrível vingança!

Ah! O ser humano normal! Como será bela a vida quando o homem se tiver desprendido de todo o êrro! Como será encantadora a existência quando fôr um facto a felicidade de todos os seres! A felicidade de todos os seres na sociedade tutura, tese que me propuz defender mais com o coração do que com talento, qualidade que pertence aos privilegiados, *será um facto quando o*

nosso braço vigoroso e o nosso coração ardente tiver feito baquear o mundo maldito de egoísmos que nos rodeia!

Pode ser que alguns ou muitos dos assistentes tenham feito de si para si estes raciocínios: «E' boa! Ainda se fôsse a felicidade dos seres humanos, seria possível. Mas a felicidade de todos os seres, incluindo os irracionais?! Oh! Isso é irrealizável utopia de idealista!»

As coisas irrealizáveis! As utopias! Irrealizável, no entender curto de muitos, era que um barco imenso, carregado, pesando milhares de toneladas, podesse mover-se accionado por êsse elemento possantíssimo chamado vapor. E todavia... E todavia os barcos imensos cruzam os mares e os oceanos!

Nada é irrealizável desde que seja concepção humana. A felicidade de todos os seres na sociedade futura é tão possível como possível é sentirmo-nos felizes aspirando o perfume delicioso dum braçado de pétalas! Basta que o homem se normalize. Basta que queira sair do atoleiro imundo do êrro, enveredando pelo caminho amplo e brilhante da verdade!

Porque julgais então, alguns de vós, presados senhores, impossível a felicidade de todos os seres na sociedade futura?

Direis talvez dêste modo: «Os irracionais nunca poderão ser felizes. Os quadrúpedes nossos conhecidos, o jumento, o cavalo, a muar e outros, serão necessários ao homem para a lavoura, para o transporte dos seus produtos.»

Deixai-me dizer desde já que a maquina realizará, de futuro, quasi todo, senão todo, o trabalho necessario. Pois não é verdade que a maquina já varre a rua, esfrega a casa, lava a roupa, cose os tecidos, escreve os pensamentos, serra, aplana e recorta a madeira? Não é verdade que a maquina — brilhante criação do espírito humano! — vai ao fundo da terra, lá muito abaixo, buscar a agua limpida que nos mata a sêde, que nos cose os alimentos, que nos desimpede os poros?

Ha algum receio de afirmar que a mesma maquina, o mesmo engenho, pode levar a agua a ele-

vadas alturas — quasi até às alturas que o homem quer! — podendo assim, com esforço inteligente, realizar-se o milagre da cultura intensa das mais elevadas serranias? Não sabemos nós todos que a maquina transporta os homens e os produtos às regiões mais distantes do globo? Não vemos nós, todos os dias, que o comboio transporta milhares de toneladas de todos os produtos? Desconhecemos nós que o navio conduz a várias partes do globo um pêso brutalissimo? Desconhecemos nós todas estas maravilhas?

Se as conhecemos, se sabemos que isto tudo, e muito mais, é a realização do milagre da máquina, porque não acreditar que a maquina realizará todo ou quasi todo o serviço, deixando o homem, dêste modo, de ser o tirano execrado dos seres inferiores sobre os quais não tem o direito de exercer o seu desenfreado despotismo?

Dir-me-hão, talvez, que não será possível dispensar em absoluto o esforço dos irracionais, pelo facto de não poder ir a maquina a toda a parte, a todos os locais. Eu sei lá! Pelas grandes manifestações de intelligência humana realizadas até hoje, prevejo que a maquina, amplamente espalhada no futuro, não terá lacunas.

Dir-se-ha, talvez, que o tractor agricola, por exemplo, não poderá exercer nas grandes encostas a sua esplêndida missão em consequência da inclinação do terreno. Podemos nós afirmar que o futuro nos não trará outro tractor capaz de realizar êsse trabalho? Tal afirmação seria um êrro. O futuro certamente nos trará inconcebíveis maravilhas e por isso não podemos descrever do futuro.

Haverá quem diga que o jumento hade fazer folta no herdade, por exemplo, para transportar a casa do lavrador a agua que lhe fornece o poço próximo da habitação. Quanto à ronqueira vida actual, está bem. Na vida futura, na sociedade futura que a minha nívua alma de idealista já vê, tal jumento será desnecessario, porquanto a agua, impulsionada pelo motôr, dará apenas o trabalho simples da abertura da torneira.

A maquina — que será amplamente espalhada por todo o mundo quando a terra não fôr previle-

gio iníquo de ninguém — realizará todo o trabalho necessário ao homem. As energias humanas, como as energias dos restantes seres, serão aplicadas nos serviços recreativos, no doce trabalho que não mata, que não tiraniza.

A sociedade futura, sem propriedade individual, que será de todos, como o sol, como a lua, como o próprio ar, inundará o mundo de ternas, de quentes alegrias. O ódio, que é filho do egoísmo e do êrro, dará lugar à estima de todos, que deixarão de se guerrearem como inimigos, para se estimarem como irmãos!

O próprio irracional não terá, como o boi simpático e paciente, olhos mortiços, o corpo cansado e esquelético. Compreenderá o homem, enfim, que ser rei dos animais não significa ter o direito à sua tortura. Os próprios irracionais terão lugar no grande banquete da vida, inundando-se a terra de pura, de generosa alegria!

Alegria! Realizado, enfim, o emocionante triunfo da alegria, síntese admirável da felicidade! Alegria! Concluído, finalmente, o magestoso pacto da concórdia universal! Alegria! Terminado, finalmente, o infelicitante poder do ódio, que amachuca todas as almas!

Ah! Pois é possível descrever-se do triunfo da verdadeira, da feliz sociedade humana onde os homens se não guerreiem, onde os homens pratiquem aquela encantadora fraternidade que Cristo, o simpático marfir, ousadamente propagandeou? Por meu lado creio firmemente numa futura vida mais digna!

Não podem constituir essa sociedade os adultos actuais? É certo. Os adultos são o ninho onde se anicha cómodamente a víbora do vício! Os adultos, na sua imensa maioria, estão completamente inferiorizados. Uns pelo vício alimentar, que perturba grandemente o organismo; outros pelo vício anti-higienico do tabaco, que intoxica o corpo e diminui a riqueza humana; outros, muitos, muitíssimos, pela chaga purolenta do alcool, que atrofia o organismo, enfraquece a inteligência e que agrava a moral; mais outros pela irreflecção, que causa milhões de vítimas; outros ainda, maior



número, pelo egoísmo, que criou a propriedade individual; todos se inferiorisaram extraordinariamente. Uma esperança risonha e salvadora, existe ainda; mais do que esperança, a certesa: é a criancita do berço, é o adolescente! Neste momento solene para a minha alma de crente, pela certesa de ter contribuído com mais um grão de areia para o formoso edifício social de amanhã, beijo em espírito, com carinho, as criancinhas de todo o mundo, desde as miseráveis às opulentas, pela fé em que estou de que elas representam a certesa virginal da sociedade futura!

As criancinhas de ambos os sexos, os pequeninos, eis para onde nós, os raros adultos normais, temos de voltar ansiosamente os olhos. Só das crianças, só dos adolescentes, educados numa adorável atmosfera de verdade, dessa magestosa verdade que aniquila ídolos, que ofusca reis e imperadores, dessa verdade magnífica que nos ensina sermos irmãos, que nos demonstra sermos iguais perante as leis sempre adoradas da natureza, só dos adolescentes, repito, temos a esperar o resurgimento da pobre humanidade.

Mas — deixai-me acentuá-lo! — é indispensável que todas as crianças — todas, absolutamente! — tenham o necessário à vida: o banho, que fortifica o organismo, o leite abundante e sadio, que é garantia relativa de normalização física; as roupinhas limpas e aromaticas, que acarinham a epiderme; a caminha fôfa e higienizada, que é a certesa dum sono tranquilo e reparador, e, finalmente, o exemplo constante, durante o seu desenvolvimento, de belesa, de moral e de bondade!

Educada assim, a criança será o homem digno dum feliz amanhã que já se anuncia...

Guiada dêste modo, a criança será o homem justo do futuro, sócio terno e ponderado dessa brilhante sociedade de amigos, a sociedade egualitária, a brilhante, a moralisadora sociedade Anarquista!

FIM



Shi





